

Luta em 280 caracteres: o Twitter como arena de reconhecimento e visibilidade para os atletas paralímpicos

Helen Anacleto

Mestranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR (Universidade Federal do Paraná). Membro do COMPA – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Participação Política. Email: helen.anacleto@gmail.com

Kelly Prudencio

Doutora em Sociologia Política. Docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do COMPA – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Participação Política. Email: kellyprudencio@ufpr.br

Com o desinteresse dos meios de comunicação tradicionais pela cobertura dos Jogos Paralímpicos, o Twitter configurou-se como um importante espaço de visibilidade e reconhecimento dos atletas paralímpicos. Este artigo tem como objetivo identificar que tipos de reconhecimento foram expressos a esses atores na rede social, durante os Jogos Paralímpicos Rio 2016. Para isso, analisamos o conteúdo de 1.238 (n=1.238) postagens feitas pela conta do Comitê Paralímpico Brasileiro (@cpboficial) durante o evento à luz da discussão sobre teoria do reconhecimento feita por Nancy Fraser e Axel Honneth. Ao final, identificamos três tipos de reconhecimento: Institucional; Esportivo e Afetivo/Ideológico. **Palavras-chave:** Twitter; Atletas Paralímpicos; Jogos Paralímpicos; Teoria do Reconhecimento.

Struggle in 280 characters: Twitter as recognition and visibility arena for Paralympic athletes

As traditional media displays lack of interest in covering the Paralympic Games, Twitter appears as an important space of visibility and recognition of disabled athletes. This article aims to identify which types of recognition were expressed to these actors in Twitter during the 2016 Rio Paralympic Games. For this, we analyze the content of 1,238 (n=1.238) posts made by the Brazilian Paralympic Committee account (@cpboficial) during the event under Nancy Fraser and Axel Honneth's discussion about theory of recognition. At the end, we identify three types of recognition: Institucional; Sportive; and Affective/Ideological.

Key-words: Twitter; Paralympic Athletes; Paralympic Games; Theory of recognition.

Lucha en 280 caracteres: el Twitter como arena de reconocimiento y visibilidad para los atletas paralímpicos

Con el desinterés de los medios de comunicación por la cobertura de los Juegos Paralímpicos, el Twitter se configuró como un importante espacio de visibilidad y reconocimiento de los atletas paralímpicos. Este artículo tiene como objetivo identificar que tipos reconocimiento fueron expresados a esos actores en la red social, durante los Juegos Paralímpicos Rio 2016. Para eso, analizamos el contenido de 1.238 (n = 1.238) posts hechos por la cuenta del Comité Paralímpico Brasileño (@cpboficial) durante el evento a la luz de la discusión sobre teoría del reconocimiento hecha por Nancy Fraser y Axel Honneth. Al final, identificamos tres tipos de reconocimiento: Institucional; el Deportivo y el Afectivo/Ideológico.

Palabras-clave: Twitter; Atletas Paralimpicos; Juegos Paralímpicos; Teoría del reconocimiento.

Introdução

Quando fez sua primeira participação em uma edição dos Jogos Paralímpicos em Heidelberg, na Alemanha, em 1972, o Brasil contou apenas com 20 esportistas para representar o país em quatro modalidades diferentes. Quase 50 anos depois, os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro de 2016 mostraram ao mundo um país de delegação bem mais imponente. Pela primeira vez na história do esporte nacional, o Brasil teve representantes em todas as 22 categorias da competição. Dos 4,3 mil atletas que vieram ao país em busca de uma medalha, 278 eram brasileiros (CPB, 2016). Em terras cariocas, a quantidade significativa de atletas foi proporcional às conquistas. Ainda que não tenha alcançado o melhor desempenho da história no quadro de medalhas – feito conquistado em 2012, na edição de Londres, quando o Brasil terminou em 7º lugar no quadro geral¹, a delegação brasileira acumulou números nunca antes registrados. Foram 72 medalhas no total, sendo 14 de ouro, 29 de prata e 29 de bronze. O feito garantiu o 8º lugar no quadro geral de medalhas da competição.

A evolução no desempenho dos atletas paralímpicos brasileiros foi um objetivo do Ministério do Esporte desde muito antes da realização dos jogos no Brasil. Assim como os atletas olímpicos, os esportistas paralímpicos também fizeram parte de projetos do Governo Federal que visaram ao estímulo à atividade esportiva paralímpica. Entre os projetos, estava o Bolsa Atleta – que financiou 90,6% de todos os atletas que disputaram os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro (CPB, 2016). De acordo com dados do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), entre 2005 e 2015, foram investidos mais de R\$ 164,8 milhões em quase 12 mil bolsas concedidas a paratletas de todo o país². Mesmo com os investimentos existentes, ainda há disparidade na distribuição de recursos entre atletas olímpicos e paralímpicos. Nesse e em outros sentidos, como veremos, os atletas com deficiência travam uma luta por reconhecimento e redistribuição (FRASER E HONNETH, 2003; HONNETH, 2003a) que se arrasta por anos. Nem sempre as conquistas e investimentos são suficientes para que esses profissionais recebam reconhecimento da mesma forma que esportistas que não têm nenhuma deficiência (FIGUEIREDO E NOVAIS, 2010; MARQUES, 2010; BRAZUNA E CASTRO, 2001). Parte dessa postura social é explicada por Nancy Fraser (2003) e Axel Honneth (1999; 2003a) por meio dos conceitos que permeiam a luta por reconhecimento. De um lado, Honneth defende o reconhecimento como um objetivo inerente ao sujeito em sua busca por autorrealização. Por outro, Fraser – crítica de Honneth – entende que o reconhecimento pensado apenas como meio de valorização das identidades não resolve os problemas de justiça. Assim, ela parte para uma teoria de justiça que se realiza na superação do que ela chama de subordinação. Essa teoria prega a existência de duas dimensões – a cultural e a

1. Em Londres, os atletas paralímpicos do Brasil conquistaram 43 medalhas, sendo 21 de ouro, 14 de prata e 8 de bronze. Vale lembrar que o critério que determina a colocação geral no quadro de medalhas é o número de conquistas de ouro. (CPB, 2016).

2. Acesso em 10 de janeiro de 2017.

econômica – que não se reduzem uma à outra, mas que se combinam no objetivo de construção de um ideal normativo de justiça (FRASER, 2003). Para explicar esse ideal normativo de justiça, Fraser tem como chave principal o conceito de paridade de participação.

Ao contrário da noção de autorrealização, que representa o fim da luta por reconhecimento em Honneth e Taylor, a paridade de participação é o que permite a luta por reconhecimento de indivíduos ou grupos em Fraser. Para ela, o processo de realização da justiça passa pela possibilidade de que todos os membros adultos possam interagir como pares no processo dialógico social. Para que a paridade de participação seja possível, Fraser lista pelo menos duas condições principais, uma objetiva e outra intersubjetiva: 1) a distribuição de recursos materiais deve ser o suficiente para garantir aos sujeitos independência e voz; 2) os padrões institucionalizados de valor cultural devem expressar igual respeito por todos os participantes e garantir a eles iguais oportunidades de conquistar estima social (FRASER, 2003, p. 36). São os ideais de redistribuição e reconhecimento, respectivamente.

É inegável que os Jogos Paralímpicos representam um passo importante na direção da paridade de participação na medida em que reservam aos atletas com deficiência um espaço institucionalizado para que eles possam exercer seu trabalho e buscar sua estima social como esportistas de elite. No entanto, é inegável, também, que esses atores ainda enfrentam problemas de ordem econômica, ligados à redistribuição, e de ordem cultural, ligados às representações estigmatizadas e carregadas de preconceito que ainda prejudicam seu completo desenvolvimento social.

Para entender que tipos de reconhecimento são identificados no Twitter durante os Jogos Paralímpicos do Rio, propomos-nos a analisar o conteúdo de 1.236 *tweets* do Comitê Paralímpico Brasileiro publicados entre 07 e 18 de setembro de 2016³ à luz da discussão sobre teoria do reconhecimento de Nancy Fraser e Axel Honneth e dos estudos sobre o Twitter como arena de visibilidade⁴.

Twitter como arena de visibilidade

Criado em 2006, o Twitter tem como característica básica ser uma ferramenta em que o usuário publica mensagens de, no máximo 280 caracteres. As postagens, chamadas *tweets*, são lidas pelos usuários que optam por “seguir” a conta ou visualizam a página – que pode ser pública ou privada. O pequeno espaço para postagem, se comparado ao do Facebook, por exemplo, não é um obstáculo para o desenvolvimento de ideias mais aprofundadas (CAPONE, ITUASSU e PECORARO, 2015).

3. Os tweets foram coletados por meio do Twitter Crawler, uma ferramenta de mineração de dados desenvolvida pelo Laboratório de Opinião Pública, Comunicação Política e Mídias Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio) em parceria com o Departamento de Informática da instituição (LIFSCHITZ, S.; ITUASSU, A.; SAVA, P.; VAZ, MB, 2016).

4. Este artigo representa parte dos resultados obtidos em dissertação de mestrado apresentada em abril de 2018 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Nela, analisamos, além das postagens do CPB, 9.708 *tweets* com a hashtag #JogosParalímpicos.

5. O Brasil já foi o segundo país do mundo com mais usuários do Twitter em todo o mundo. Em 2012, mais de 33 milhões de brasileiros tinham uma conta na rede social, segundo informações de uma empresa de pesquisas da França. Hoje, a popularidade da rede é bem mais modesta. O último levantamento feito pela Statista (2016), mostra que o número de novos usuários do Twitter se estagnou. Atualmente, a rede tem cerca de 317 milhões de contas em todo mundo e registra um crescimento de apenas 7 milhões de novos usuários desde o início de 2016 – números distantes dos mais de quase 1,8 bilhões de usuários registrados no Facebook, a rede social mais usada do mundo.

6. A origem da ferramenta remonta aos primeiros dias das comunidades on-line, como o Internet Relay Chat, Delicio.us e Flickr. Seu uso fundamental tornava a informação mais acessível e, justamente por causa dessa função, sua forma passou a ser aplicada em diferentes redes sociais (DAER, HOFFMAN E GOODMAN, 2014).

Ainda que não apresente mais o mesmo crescimento em número de usuários⁵, entendemos que o Twitter representa um bom objeto de estudo por compor uma narrativa digital contemporânea interessante para análise, principalmente porque o pouco espaço para a composição das mensagens, restritas a 280 caracteres, obriga o usuário a condensar ideias em escolhas linguísticas que podem se mostrar importantes para os estudos em Comunicação. Outra característica que nos chama a atenção é a presença da hashtag, que permite ao usuário da rede social um ambiente compartilhado não restrito às pessoas que ele escolhe seguir. Assim, é possível perceber a formação de uma arena interessante de visibilidade que não é totalmente controlada pelo usuário. Dart (2014) assinala que as mídias sempre se relacionaram com o desenvolvimento do esporte profissional. Primeiro, por meio dos jornais, depois pelo rádio e pela TV e, finalmente, pelas redes sociais. Esse desenvolvimento, segundo o autor, é alcançado por meio da divulgação e do aumento dos lucros provocados pelas ferramentas. No entanto, mais que isso, o Twitter e sua característica de informação em tempo real serve como espaço de troca de ideias:

Eventos esportivos televisionados como a Copa do Mundo FIFA ou as finais da NBA causam picos em tempo real na atividade global do Twitter; outras notícias e eventos também resultam em um volume particularmente alto de *tweets*, como a morte de Michael Jackson, os prêmios anuais do Oscar ou o casamento real do Príncipe William com Kate Middleton, em 2011. Figuras públicas e celebridades, do Papa à Lady Gaga, atraem números enormes de seguidores, e uma foto de Barack e Michelle Obama postada imediatamente após a reeleição de Obama como presidente dos Estados Unidos, em novembro de 2012, se tornou rapidamente o post mais retuitado da história do Twitter (WELLER et. al., 2014, p. 31, tradução nossa).

Os exemplos trazidos por Weller et. al. (2014) dão a dimensão sobre como o Twitter se tornou uma importante arena de reconhecimento no âmbito esportivo. Se em sua concepção, há dez anos, a rede social chegou a ser criticada por abrigar informações sem relevância sobre o cotidiano dos usuários, hoje ela já se caracteriza por divulgar informações importantes em tempo real e servir como um espaço importante de visibilidade – principalmente em eventos de grande porte. Assim sendo, é possível pensar na visibilidade como um atributo necessário na luta por reconhecimento e redistribuição travada pelos atletas paralímpicos, tanto no ambiente on-line quanto fora dele.

Como cada usuário tem uma experiência própria na rede social – baseada em quem ele escolhe seguir –, o recurso da *hashtag*⁶ consegue unificar as buscas sobre determinado tema para todos os usuários do planeta. Essa unificação é responsável por construir redes de visibilidade em torno de um assunto espe-

cífico que pode compor os *trending topics*, ou, tópicos tendência, reunião dos temas mais comentados na cidade, no país ou no mundo (SANTANA E SOUZA, 2017). Eventos de grande porte como os Jogos Olímpicos e Paralímpicos costumam figurar diariamente nos trending topics, dado seu apelo mundial. Assim, mais que criar um “sentido de pertencimento” (IDEM, 2017, p. 12) entre os usuários que compartilham uma *hashtag*, o recurso permite aos atores que compõem esses eventos construir uma arena de visibilidade para expor suas demandas por reconhecimento e redistribuição não só dentro dos limites do Twitter, como também fora dele, já que é comum o compartilhamento de postagens em outras redes sociais como o Facebook e o Instagram, por exemplo. Consciente de que a realização do evento no país representou um marco importante para o esporte paralímpico, o CPB colocou-se como alternativa à falta de interesse midiático na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Ao assumir esse compromisso, a entidade abraçou, também, o objetivo da visibilidade para a causa dos atletas paralímpicos por meio da prestação de serviços como a transmissão das competições. Outra estratégia foi aproveitar o momento de visibilidade para apresentar aos usuários da rede os atletas paralímpicos que configuravam esperança de medalha no maior evento mundial da categoria.

Redistribuição e reconhecimento: um ideal dos atletas paralímpicos

Axel Honneth desenha o que ele denomina de gramática moral dos conflitos sociais: para além da noção sociológica de que o reconhecimento teria como objetivo principal a autoconservação ou o aumento do poder, ideias arraigadas na filosofia moderna de Hobbes e Maquiavel, Honneth desenvolve uma teoria de justiça que se ampara em três diferentes esferas normativas de reconhecimento: a do amor, a do direito e a da estima social. O amor, na concepção honnethiana à luz da psicologia social de George H. Mead e da psicanálise de Donald W. Winnicott, é o primeiro de todos os reconhecimentos vivenciados por um sujeito. A partir da psicanálise, Honneth argumenta que o primeiro amor vivenciado por um ser humano com sua mãe permite que o indivíduo realize seu objetivo de ser dependente na mesma medida em que aprende a sobreviver sozinho. Já na esfera do direito, Honneth (2003, p. 181) indica que o reconhecimento se realiza de uma forma universalizável que não permite “exceções e privilégios”. São os princípios morais universalistas, portanto, que permitem que os indivíduos se vejam como iguais, de forma recíproca, e como sujeitos que compartilham condições de participar do processo dialógico social. A teoria do reconhecimento de Honneth busca novamente em Mead e Hegel os argumentos para a construção de uma última esfera de reconhecimento necessária para a autorrealização do

sujeito: a esfera da estima social. Para além da justiça, a estima social se baseia não no respeito à coletividade, mas sim na correção do desrespeito às diferenças em uma perspectiva universal e, ao mesmo tempo, intersubjetiva. Segundo Honneth (2003, p.198), “para poderem chegar a uma autorrelação infrangível, os sujeitos humanos precisam ainda, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas”.

Considerando a realidade dos atletas paraolímpicos, é possível interpretar que o fenômeno social de injustiça também é experimentado pelos atores em questão, em diferentes estágios da carreira esportiva. Wheeler et. al. (1999) dividem a carreira de um atleta paralímpico em três fases: pré-transição, transição e pós-transição. A primeira diz respeito à iniciação no esporte, seja formal ou informalmente. É nesse momento que, segundo os autores, mesmo com barreiras, o atleta começa a desenvolver sentimentos de identificação com o esporte, além de autoestima e consciência corporal. Considerando os conceitos de Honneth, essa é uma fase em que é possível perceber aspectos da luta por reconhecimento dentro dos limites da estima social. O atleta paralímpico busca, com a iniciação no esporte, ampliar seu círculo social, individualizar-se para além da deficiência que o universaliza socialmente, desenvolver suas capacidades específicas como esportista de elite ou amador, e ter, de forma geral, valorizada sua demanda por reconhecimento das diferenças. Na segunda fase, chamada transição, o ambiente competitivo obriga o atleta em questão a lidar com os resultados negativos e as derrotas – muitas delas causadas por lesões ou dificuldades técnicas que geram sentimento de insegurança. Essa luta por reconhecimento carrega características de uma demanda que pode se realizar dentro da esfera do amor. É nessa fase que o atleta paralímpico tem sua autoconfiança abalada e busca nas relações primárias com familiares, amigos, técnicos e médicos, por exemplo, o regate da segurança que tinha como profissional do esporte. Já na terceira e última fase, chamada pós-transição, o atleta experimenta a preocupação com o futuro que deseja traçar para além do ambiente esportivo (WHEELER et. al., 1999). Quando se aposenta do esporte, muitos profissionais passam a empreender uma luta por reconhecimento na esfera do direito. Vários atletas passam a ser porta-vozes das causas universais das pessoas com deficiência e buscam a correção de injustiças como a privação de direitos e a exclusão. Essa luta por respeito passa a ser uma forma de manter-se ligado ao ambiente esportivo e às demandas por reconhecimento das pessoas com deficiência.

No entanto, a luta por reconhecimento do atleta paralímpico não é restrita apenas à superação das barreiras sociais que podem se impor por meio do preconceito ou do estigma (GOFFMAN, 1988) direcionado a ele enquanto pessoa com deficiência. Depois que decide fincar raízes no esporte de alto rendimento,

o atleta paralímpico também passa a enfrentar injustiças que passam tanto pelo reconhecimento quanto pela redistribuição. Em seu percurso como esportista, os atletas paralímpicos se deparam com problemas financeiros e estruturais, que não podem ser explicados satisfatoriamente apenas dentro dos limites da esfera da estima social, própria do pensamento de Axel Honneth.

Nancy Fraser (2003) defende um modelo bidimensional que consiga colocar lado a lado as dimensões culturais (de reconhecimento) e econômicas (de redistribuição) de justiça social. Para ela, a luta por um ideal normativo de justiça parte da resolução de problemas dentro dessas duas esferas, diferentes e imbricadas no processo de correção das desigualdades sociais (MENDONÇA, 2007). De um lado, está o ideal de redistribuição, que tem como objetivo principal o provimento de recursos materiais para que não haja diferenciação entre os sujeitos ou para que, em outras palavras, todos os membros adultos de uma sociedade tenham condições iguais de participar da vida social. Do outro, está o reconhecimento, que prega justamente a valorização do que é único e particular em cada grupo (MENDONÇA, 2007).

Para Fraser (2003), uma teoria bidimensional de justiça que imbrique dois paradigmas, de reconhecimento e redistribuição, consegue abarcar conceitos distintos de injustiça. O primeiro com relação a aspectos reproduzidos por meio dos padrões culturais de representação, interpretação e comunicação, somados à dominação cultural, à ausência de reconhecimento e ao desrespeito. Já o segundo é referente às desigualdades econômicas experimentadas pelo sujeito por meio da marginalidade, da exploração e da carência ou privação (FRASER, 2003). Em uma tentativa de retirar a discussão do campo da ética e enquadrá-la no campo da moral, Fraser se utiliza de uma concepção de reconhecimento fincada sobre as bases conceituais weberianas de *status*. Ela busca explicar o reconhecimento não mais a partir do processo de busca por autorrealização ou nos termos psicológicos de depreciação da identidade, mas sim sob o prisma da subordinação cultural e econômica. Nessa perspectiva, a análise do desrespeito passa a ter como alvo não a distorção da identidade e sim os padrões culturais de subordinação que impedem a paridade de participação (FRASER, 2003, p. 31, tradução nossa): “o que faz a falta de reconhecimento moralmente errada, nesse sentido, é que ela nega a alguns indivíduos e grupos a possibilidade de participar como um par com outros na interação social”.

Fraser apresenta um arcabouço capaz de abrigar as diferentes lutas empreendidas pelos atletas paralímpicos. Primeiro, dentro dos limites da luta pela valorização de seus direitos enquanto pessoas com deficiência com demandas culturais pela superação das desigualdades, bem como pelo reconhecimento de suas diferenças e capacidades individuais como atletas de elite. Esse reconhecimento, é, quase sempre, acompanhado por uma narrativa de estigma, que coloca

o atleta paralímpico como um indivíduo extraordinário (SHELL E DUNCAN, 1999; CALVO, 2001; HARDIN & HARDIN, 2003; FIGUEIREDO, 2014), digno de admiração muito mais pelo exemplo de superação que é atribuído à sua carreira do que, efetivamente, pelo seu desempenho como atleta de elite. A partir desse objetivo, deriva a demanda por redistribuição: também em nome da paridade de participação, os atletas paralímpicos reivindicam mais investimentos estruturais que possibilitem iguais condições para o desenvolvimento de sua carreira esportiva (BRAZUNA E CASTRO, 2001; MARQUES, 2010).

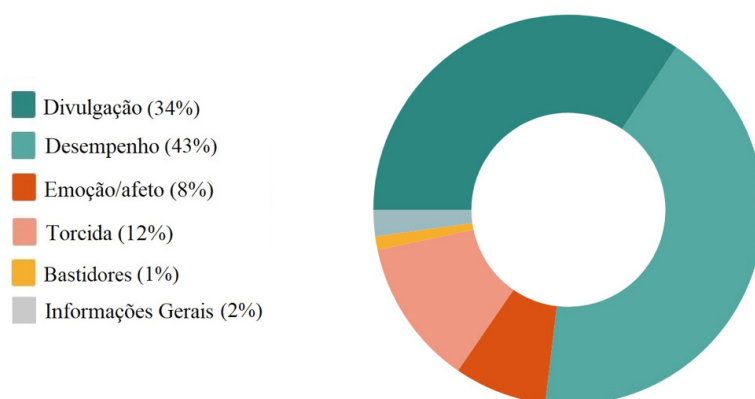
Análise das postagens do CPB

A entidade que representa institucionalmente os atletas paralímpicos no país é o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB). Essa representação se dá não só oficial e institucionalmente – já que é por meio do CPB que as federações estaduais recebem as verbas federais –, mas também por meio da *advocacy*. Mafra (2014) explica que a noção desse conceito tem ganhado forma na democracia contemporânea, tanto porque representa determinadas práticas de grupos que lutam por causas sociais, quanto porque fala direto aos próprios grupos que atribuem a si mesmos a missão de advogar em favor de “sujeitos sem voz e vez nas arenas políticas formais, em condições de violação de direitos, de sofrimento moral e/ou de invisibilidade na cena pública” (MAFRA, 2014, p. 182). Miguel (2014, p. 213) também caminha nesse sentido ao definir os *advocates* como porta-vozes atribuídos por si mesmos como representantes de indivíduos ou grupos. O autor atenta, no entanto, para o fato de que as “formas de representação como *advocacy*, embora possam trazer benefícios em curto prazo para integrantes de um ou outro grupo social, não estimulam o exercício dessas autonomias”.

Blauwet e Willick (2012, p. 852) afirmam que o Comitê Paralímpico Internacional (IPC) foi criado em 1989 justamente com o objetivo de se tornar uma voz de *advocacy* que visava apoiar o crescimento dos esportes paralímpicos no mundo. A partir da criação do IPC e da integração da entidade com o Comitê Olímpico Internacional (COI) é que medidas como a realização dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos ficou estabelecida na mesma cidade-sede. A entidade oficial passou a ganhar o reforço de outros movimentos a partir do momento em que as modalidades do esporte paralímpico aumentaram e trouxeram consigo a valorização da prática esportiva como sendo fundamental para os ideais de inclusão, acesso à comunidade e igualdade de oportunidades. Assim, podemos entender que, além de ser um representante institucional dos atletas paralímpicos no Brasil, o CPB trabalha no sentido de representá-los socialmente como um *advocate*.

Para este artigo, analisamos o conteúdo de 1.238 (n= 1.238) *tweets* publicados pela entidade durante a realização dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Após a coleta, as postagens foram enquadradas sob os seguintes organizadores de conteúdo: 1) Divulgação dos Jogos Paralímpicos; 2) Desempenho do atleta paralímpico; 3) Demonstrações de emoção ou afeto; 4) Convocação de torcida; 5) Bastidores dos Jogos Paralímpicos; 6) Informações gerais. Após a análise de conteúdo, os resultados obtidos foram distribuídos conforme detalhado no gráfico a seguir (gráfico 1):

GRÁFICO 1 - RELAÇÃO DE POSTS DO COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO AGRUPADOS POR CATEGORIAS DE ANÁLISE



FONTE: As autoras, 2017.

TABELA 1 – FREQUÊNCIA DE TWEETS DO CPB POR CATEGORIA DE ANÁLISE

Categoria	Frequência
Divulgação dos Jogos Paralímpicos	425
Desempenho dos atletas paralímpicos	527
Demonstrações de emoção ou afeto	95
Manifestação de torcida	150
Bastidores	14
Informações gerais	27
TOTAL	1.238

FONTE: As autoras, 2018.

A análise do conteúdo das postagens feitas pela conta do Comitê Paralímpico Brasileiro no Twitter permite perceber que a entidade prioriza a exaltação do *Desempenho dos atletas paralímpicos* (43%) em seus *tweets* publicados durante os Jogos. Na maioria dos posts, a entidade se dedica não só a fazer a transmissão das partidas em andamento ou informar os resultados dos atletas, mas também a destacar a performance de cada um nas competições (figura 1). Em segundo lugar, o CPB assume como missão institucional a postar seu convite ao apoio. Em apenas 8% das postagens, o CPB usou o Twitter para demonstrar emoção ou afeto pelos atletas paralímpicos ou pelos Jogos Paralímpicos (figura 4). Ao lado de *Informações gerais* (2%), a categoria que menos aparece entre os tweets do CPB é a de *Bastidores* (1%) (figuras 5 e 6). Embora tenha se colocado institucionalmente como uma alternativa de transmissão dos jogos face ao desinteresse das emissoras com direitos de transmissão, o CPB não utilizou o Twitter para ser uma fonte de notícias e informações gerais sobre os Jogos Paralímpicos, tampouco para falar sobre o que acontecia longe das arenas de competições. A prestação de serviço, como informações sobre transmissões e ingressos não foi o foco da página. Ao contrário: os poucos *tweets* enquadrados em *Bastidores* se dedicaram registrar a presença de autoridades, atletas e ex-atletas de outras modalidades no evento.

FIGURA 3 - DO CPB ENQUADRADO NA CATEGORIA CONVOCAÇÃO DE TORCIDAANÁLISE



FONTE: TWITTER, 2016

FIGURA 4 - TWEET DO CPB ENQUADRADO NA CATEGORIA DEMONSTRAÇÕES DE EMOÇÃO OU AFETO



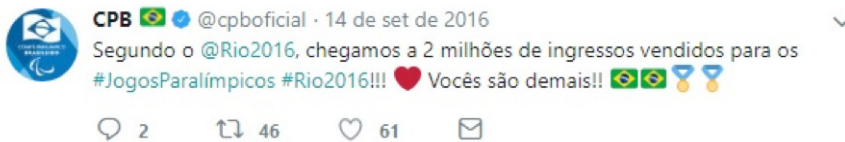
FONTE: TWITTER, 2016

FIGURA 5 - TWEET DO CPB ENQUADRADO NA CATEGORIA BASTIDORES



FONTE: TWITTER, 2016

FIGURA 6 – TWEET DO CPB ENQUADRADO NA CATEGORIA INFORMAÇÕES GERAIS BASTIDORES



FONTE: TWITTER, 2016

Tipos de reconhecimento nas postagens do CPB

A partir destas categorias, pudemos reconhecer três tipos principais de reconhecimento que decorrem das categorias em perspectiva. São eles: o Reconhecimento Institucional, o Reconhecimento Esportivo e o Reconhecimento Afetivo/Ideológico, que passaremos a detalhar a seguir.

O Reconhecimento Institucional está presente na categoria *Divulgação dos Jogos Paralímpicos*. Esta categoria tem como característica principal os *tweets* que transmitiram, difundiram e exploraram pormenores sobre a realização dos

Jogos Paralímpicos no Brasil. Entendemos que a divulgação da agenda, do quadro de medalhas e das entrevistas coletivas concedidas pelos atletas paralímpicos expunham Reconhecimento Institucional – direcionado diretamente aos Jogos Paralímpicos e indiretamente aos atletas paralímpicos. Tal modalidade de reconhecimento se enquadra em uma luta que ocorre dentro da esfera do direito (HONNETH, 2003a). Primeiro, porque é nesta categoria que se ancoram postagens que expõem demandas pelo reconhecimento de igualdades: de interesse dos meios de comunicação e de atenção dos torcedores. Para os atletas paralímpicos, essa luta ocorre dentro de espaços delimitados de interação social e encontra nos Jogos uma ferramenta importante para a conquista normativa da justiça social. Mesmo assim, a competição que celebra a realização plena das capacidades individuais dos atletas paralímpicos também exhibe, no Twitter, uma demanda pelo reconhecimento de suas condições universalizantes. Partindo dessa perspectiva, o Reconhecimento Institucional exposto pelo CPB representa justamente o clamor de uma demanda por reconhecimento dos Jogos Paralímpicos e não especificamente dos atletas paralímpicos. Ao divulgar as partidas, fazer a transmissão de competições e destacar detalhes sobre o andamento das partidas, o CPB se colocou na arena de reconhecimento do Twitter expondo uma demanda de visibilidade em termos de igualdade de importância do evento se comparado aos Jogos Olímpicos.

Já a categoria *Desempenho dos atletas paralímpicos* – que abriga posts que têm como característica principal a citação nominal dos atletas paralímpicos além de exibir, para além da divulgação dos resultados, a descrição da performance esportiva desses atores – compõe os *tweets* de Reconhecimento Esportivo, o mais presente nos *tweets*. O Reconhecimento Esportivo está calcado nas dimensões de luta dos atletas paralímpicos dentro da esfera da estima social (HONNETH, 2003a). Esse tipo de reconhecimento se dá no sentido de busca por algo mais que o “respeito universal” (MENDONÇA, 2007). Para além da busca pela igualdade, objeto central das lutas por reconhecimento empreendidas na esfera do direito, essas demandas apresentadas na dimensão da estima social baseiam-se nos princípios de reconhecimento das particularidades de cada um. O Reconhecimento Esportivo tem como base fundamental a valorização do atleta paralímpico enquanto profissional de elite que tem no esporte adaptado seu trabalho. As características do reconhecimento na estima social nos permitem perceber que é justamente por meio do trabalho que o sujeito que busca autorrealização experimenta a consciência de que cumpre bem o seu papel social. Assim sendo, a busca dos atletas paralímpicos por um reconhecimento que se paut majoritariamente em suas conquistas esportivas, medalhas, índices, resultados e desempenhos é uma luta empreendida dentro dos limites da estima social (HONNETH, 2003a). As demandas expostas nesse sentido pedem o reco-

nhecimento das particularidades e capacidades individuais ou, em outras palavras, o que nos diferencia um do outro. Trazendo essas reflexões para a categoria de Reconhecimento Esportivo, a confirmação das propriedades particulares dos atletas paralímpicos nos limites do Twitter contribui para a busca por autorrealização desses atores ainda que os danos não sejam restritos à identidade do atleta.

Por fim, entendemos que a categoria *Demonstração de emoção ou afeto*, ainda que tenha sido menos representativa que a categoria *Torcida* em número de *tweets*, nos permite visualizar a terceira modalidade de reconhecimento que identificamos nos posts do CPB: o Reconhecimento Afetivo/Ideológico. Nesta categoria, o uso da emoção para exaltar características pessoais dos atletas paralímpicos ou dos Jogos Paralímpicos configurou-se como um reconhecimento calcado na esfera do amor (HONNETH, 2003a). As conquistas mencionadas vieram acompanhadas por adjetivos como “mito”, “herói”, “lenda”, “monstro”, etc. No entanto, ainda que se refiram à carreira ou ao resultado obtido nos Jogos, essas demonstrações de reconhecimento não fizeram referência ao desempenho do atleta paralímpico, de forma específica, apenas exaltaram suas características pessoais ou de superação atribuída dos obstáculos da deficiência. Partindo disso, refletimos que, embora seja uma forma de reconhecimento, o possível uso do afeto sobreposto às capacidades pessoais dos atletas paralímpicos pode, na mesma medida, colaborar para a perpetuação do estigma a que estão expostos historicamente esses atores.

Isso permite interpretar o processo ocorrido com os atletas e os Jogos Paralímpicos dentro dos limites do Reconhecimento Afetivo/Ideológico. Anteriormente, entendíamos que a valorização dos atletas se configurava como um processo incompleto dado que, mesmo com suas capacidades individuais desenvolvidas ou suas demandas por redistribuição latentes, os atletas paralímpicos tendiam a ser reconhecidos sob uma narrativa de estigma, ancorada sob o lastro do “coitadismo”. A história reservou novas lutas por reconhecimento e trouxe, com ela, novas formas de subordinação cultural e econômica a esses atores. Dessa forma, entendemos que o Reconhecimento Afetivo/Ideológico pode ser uma nova forma de subordinação na medida em que reforça essa construção estigmatizada de uma personalidade que se pretende emancipada, estimada e, principalmente, disposta a exercer sua paridade de participação (FRASER, 2003). A construção de uma visão estereotipada dos atletas paralímpicos gera problemas de reconhecimento porque nega a esses atores a possibilidade de participar como pares das atividades que desempenham no esporte, principalmente se colocados lado a lado com atletas sem deficiência. A visão pública desses atores, em grande parte influenciada pelos padrões institucionalizados de valor cultural, acaba por marginalizar esses atletas em um papel distante do que eles realmente representam – o que, para Fraser, configura exatamente um problema de reconhecimento

(FRASER, 2003). Essa demanda por reconhecimento se materializa por meio do desejo desses atletas em receber respeito como os esportistas de elite que são em detrimento da simpatia pela sua condição física (SHELL E DUNCAN, 1999). O símbolo de superação que é atribuído à carreira desses atores, portanto, não seria o melhor remédio para seus ideais de reconhecimento. Ou seja, sem a paridade de participação como garantia, os reconhecimentos institucional, esportivo e afetivo/ideológico esbarram no risco de *misrecognition*, com efeitos colaterais de um remédio que resolve um problema e cria outro.

A análise em tela nos permite, portanto, perceber que, mesmo enquanto entidade com interesses próprios, o CPB utilizou o Twitter com dois objetivos distintos: o primeiro deles no sentido de demandar visibilidade para os Jogos Paralímpicos por meio da divulgação da agenda, transmissão de partidas e de posts institucionais dedicados a divulgar o trabalho da própria instituição; já o segundo, caminhou rumo à valorização das capacidades individuais do atleta paralímpico, com ênfase na performance, e à ausência de um espaço expressivo dedicado às histórias pessoais desse ator.

Referências

- BLAUWET, C.; WILLICK, S. E. **The Paralympic Movement**: using sports to promote health, disability rights, and social integration for athletes with disabilities. *PM&R*, v. 4, n. 11, p. 851-856, 2012.
- BRAZUNA, Melissa Rodrigues; CASTRO, E. M. **A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento**: uma revisão da literatura. *Motriz*, v. 7, n. 2, p. 115-123, 2001.
- CALVO, A. P. S. **Desporto para Deficientes e Media**. 2001. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. Porto, 2001.
- CAPONE, L. V.; ITUASSU, A.; PECORARO, Caroline. **Twitter e esfera pública**: pluralidade e representação na discussão sobre o Marco Civil da internet. *Revista Contracampo*, v. 33, n. 2, p. 86, 2015.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2009a. Disponível em: Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/>>. Acesso em 12 de janeiro de 2017
- DAER, A. R.; HOFFMAN, R.; GOODMAN, S. **Rhetorical functions of hashtag forms across social media applications**. Em: *Proceedings of the 32nd ACM International Conference on The Design of Communication CD-ROM*. ACM, p. 16, 2014.
- DART, J. **New media, professional sport and political economy**. *Journal of Sport and Social Issues*, v. 38, n. 6, p. 528-547, 2014.

- FIGUEIREDO, T. H. **Gênero e Deficiência**: uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 11, n. 2, p. 484-497, 2014.
- _____, T. H.; NOVAIS, R. A. **A visão bipolar do pódio**: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. Logos, v. 17, n. 2, p. 78-89, 2010.
- FRASER, N.; HONNETH, A. **Redistribution or recognition?: a political-philosophical exchange**. Verso, 2003.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 1988.
- HARDIN, J., e HARDIN, M. **Conformity and conflict**: Wheelchair athletes discuss sport media. Adapted Physical Activity Quarterly, v. 20 n. 3, p. 246-259, 2003.
- HONNETH, A. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Ed. 34, 2003a.
- LIFSCHITZ, S.; ITUASSU, A.; SAVA, P.; VAZ, MB. PUC-Rio **Twitter Crawler**: software de mineração de dados no Twitter, 2016 (2015).
- MAFRA, R. L. M. **Comunicação, ocupação, representação**: três olhares sobre a noção de advocacy em contextos de deliberação pública. Revista Compolítica, v. 4, n. 1, p. 181, 2014. Disponível em: <http://compolitica.org/revista/index.php/revista/article/view/61>. Acesso em 25 de fevereiro de 2018.
- MARQUES, R. F. R. et al. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. 2010.
- MARQUES, R. F. R. et al. **O esporte paraolímpico no Brasil**: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu. 2010.
- MENDONÇA, R. F. **Reconhecimento em debate**: os modelos de Honneth e Fraser em sua relação com o legado habermasiano. Revista de Sociologia e Política, n. 29, 2007.
- MIGUEL, L. F. **Democracia e representação**: territórios em disputa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SANTANA, C. L.; SOUZA, E. **Estratégias de visibilidade e ações docentes no Twitter**. Educação (UFSM), v. 42, n. 2, p. 435-450, 2017. SANTOS, 2008.
- SHELL, L.; DUNCAN, M. A. Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games, Adapted Physical Activity Quarterly, 16, 27-47, 1999.
- STATISTA, 2016. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/303681/twitter-users-worldwide/>>. Acesso em 10 de janeiro de 2017.
- TAYLOR, C. **The politics of recognition**. Em: GUTMANN, Amy (ed.) **Multiculturalism**: examining the politics of recognition. Princeton/Chichester: Princeton University Press, 1994.
- WELLER, K. et al. **Twitter and society**: An introduction. In: Twitter and society. Peter Lang, pp. 29-38, 2014.

WHEELER, G. D; STEADWARD, R., D; LEGG, D.; HUTZLER, Yesahavy; CAMPBELL, E.; JOHNSON, A. **Personal investment in disability sport careers: an international study.** Adapted Physical Activity Quaterly, v16, p. 219-237, 1999.